**A CONTRIBUIÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL PARA O COMBATE AO RACISMO EM SALA DE AULA**

**Thaíse Silva Paim\***

**RESUMO:** O presente artigo demonstra, a partir do Letramento Digital, as possíveis contribuições das mídias digitais para a desconstrução de práticas racistas em sala de aula. Para isso, o texto analisa matérias jornalísticas digitais que denunciam racismos em escolas baianas, reflete como os letramentos digitais podem contribuir para a formação de escolas antirracistas e quais os entraves encontrados para utilizar as tecnologias digitais em sala de aula. Como resultado da pesquisa foi possível perceber que uma ferramenta utilizada para reforçar a ideia eurocêntrica de inferiorização do negro pode ser transformada em espaços de conscientização, mobilização e luta contra toda forma de preconceito. No entanto, essa não é tarefa fácil uma vez que, além de lutar contra o racismo estrutural, muitos estudantes não possuem acesso à internet.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramento digital; Mídias digitais; Antirracismo.

**INTRODUÇÃO**

O interesse em refletir sobre o papel do letramento digital na desconstrução do racismo no ambiente escolar surgiu a partir das inquietações oriundas do conhecimento de casos de racismo em escolas baianas. Mesmo com 81,1% da população ser formado por negros (pretos e pardos), segundo aponta a Superintendência de Estudos Econômicos Sociais da Bahia (SEI), há frequentes denúncias de discentes negros sobre o racismo que sofrem nas escolas.

Diante dessa realidade, este texto aborda a necessidade de docentes de Língua Portuguesa compreenderem e levarem em consideração os letramentos digitais como forma de combater as práticas racistas. A questão é baseada nas seguintes observações: a) A Bahia possui 4.384 mil domicílios com acesso à internet, conforme Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua. b) o espaço escolar tem sido utilizado com frequência para disseminar práticas racistas, segundo divulgação da imprensa.

Nessa perspectiva, esse texto está estruturado em três momentos: as denúncias de racismo nas escolas baianas divulgadas pela imprensa; como os letramentos digitais pode contribuir para a formação de escolas antirracistas; e quais os entraves para utilizar as tecnologias digitais em sala de aula.

**CASOS DE RACISMO EM ESCOLAS BAIANAS**

No dia 22 de novembro de 2022, a família de uma discente do Colégio Ponto Alto, localizado em Salvador, no bairro São Rafael, denunciou as práticas racistas que sofre há seis meses com colegas de classe por meio de comentários ofensivos feitos pelo aplicativo WhatsApp, principalmente em relação ao seu cabelo black. Como consequência, a família costuma encontrar a menina chorando no banheiro da escola e no quarto de casa.

Neste mesmo ano, uma aluna de 13 anos foi impedida de entrar na sala de aula do Colégio Militar Dr. João Paim, em São Sebastião do Passé, por causa do cabelo que é crespo. Segundo a denúncia, o cabelo era volumoso e não atendia às regras da instituição, desconsiderando as características específicas do cabelo crespo. Os dois casos tratam-se de racismo estético, conforme afirma Xavier

Esse entendimento mostra a importância do cabelo e da cor da pele na configuração do olhar do povo brasileiro a seu próprio respeito e como isso o difere do “outro”. Logo, tudo aquilo que vai de encontro à construção e à reafirmação dessas identidades precisa ser combatido e para isso, precisa antes ser identificado, questionado e nomeado. A rejeição dos padrões estéticos corporais e culturais que não se adequam àqueles difundidos pela arte, cultura e sociedade europeia tem nome: Racismo Estético.

Outro caso que evidencia as tensões raciais no ambiente escolar ocorreu no final do ano de 2021: estudantes da escola particular Sartre COC, localizada em Salvador, capital do Estado, trocaram mensagens racistas no grupo do aplicativo WhatsApp. Nas mensagens, os alunos chegaram a desejar a morte de pretos e afirmar que negros são piadas.

 Esses casos foram amplamente divulgados pela imprensa, a exemplo do Correio e G1, e chamaram a atenção para a necessidade de ampliar as diversas iniciativas para combater essa infeliz realidade.

**AS LEIS QUE EMBASAM O COMBATE AO RACISMO EM SALA DE AULA SÃO SUFICIENTES PARA ACABAR COM AS PRÁTICAS RACISTAS?**

Diversos documentos embasam o combate ao racismo no ambiente escolar a exemplo das leis 10.639/03 e 11645/08. O objetivo dessas leis é olhar os negros de forma positiva, valorizando, entre outras coisas, sua cultura, artes e literatura. No entanto, somente as leis não são capazes de transformar essa realidade. Sobre isso Munanga (2005, p. 17) afirma que,

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. Apesar da complexidade da luta contra o racismo, que conseqüentemente exige várias frentes de batalhas, não temos dúvida de que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima. Essa transformação fará de nós os verdadeiros educadores, capazes de contribuir no processo de construção da democracia brasileira, que não poderá ser plenamente cumprida enquanto perdurar a destruição das individualidades históricas e culturais das populações que formaram a matriz plural do povo e da sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, Foi delimitada a seguinte questão-problema: qual a importância da utilização de textos multimodais e gêneros digitais para o combater o racismo nos espaços escolares?

Objetiva-se com esse estudo demonstrar as possíveis contribuições das mídias digitais para a desconstrução de práticas racistas em sala de aula pois acredita-se que letramento digital contribui para práticas efetivas de uma educação antirracista. Essa crença é baseada na percepção de que o ensino de leitura e produção de texto deve formar leitores e produtores de texto não só capazes de dominar recursos de linguagens e tecnologias, mas também de se posicionarem perante às leituras que fazem. Dessa forma, uma ferramenta que anteriormente foi utilizada para reforçar a ideia eurocêntrica de inferiorização do negro pode ser transformada em espaços de conscientização, mobilização e luta contra toda forma de preconceito.

**EXEMPLO DE ATIVIDADE DE LETRAMENTO POR MEIO DO APLICATIVO WHATSAPP**

O conceito de letramento digital utilizado nesse artigo é o proposto por Coscarelli e Ribeiro (2005) que entendem como

às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets, (...) redes sociais na web.

Assim, será proposto uma atividade de letramento por meio do aplicativo WhatsApp. Foi escolhido esse aplicativo por ser um espaço que contém diversas modalidades de textos que aparecem de forma espontânea: imagens, texto escrito, som, movimentos, divulgação de imagens e vídeos. Essa escolha corrobora com Trindade e Sales que afirmam

Trabalhar com textos multimodais na escola se justifica, entre outros, pelo fato de estarmos cada vez mais envolvidos em práticas sociais que exigem leitura de textos compostos por diferentes modalidades semióticas que requerem de nós o esforço para compreender os recursos e atribuir sentido ao texto. Ademais, com a popularização da tecnologia, a construção textual adquiriu novos contornos, que exigem outras formas de letramentos, inspiradas nas novas formas de leitura e de compreensão do texto.

Além disso, o Whatzapp é um espaço em que o racismo se tem manifestado e espalhado com maior rapidez, como pôde ser percebido em dois dos três casos de racismo no ambiente escolar descritos anteriormente nesse artigo. Acredita-se que, em consonância com Nelson Mandela que diz “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”. Nessa perspectiva, se o WhatsApp tem sido um espaço de propagação do racismo, é por meio dele que pode-se construir uma escola antirracista.

Para iniciar as aulas de letramento digital nas escolas baianas, consoante com o pensamento de Gadotti, o professor precisa entender que o seu papel pedagógico é o de mediador. Esse autor afirma que

o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz e, para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos.

Assim, sugere-se que a/ o docente crie um grupo no aplicativo com seguinte tema “racismo ou mimimi?”. Esse grupo deverá ser aberto para interação nos dias e horários determinados pelo professor, preferencialmente no horário da aula presencial. A professora irá enviar links com os casos de racismo nas escolas e pedir que eles leiam e, em seguida, opinem sobre o assunto. É preciso deixar que nesse momento os discentes se expressem livremente de acordo com as suas vivências e linguagens. Além disso, faz-se necessário que o professor estimule cada aluno a refletir em qual lugar costuma estar quando estão diante de situações semelhantes às abordadas no texto.

Depois dessa situação inicial, o professor deverá dividir a turma dois grupos: os que avaliam as situações abordadas nos artigos lidos são casos de racismo e os que consideram ser “mimimi”. Os grupos irão apresentar argumentos que embasam suas opiniões (o professor deverá disponibilizar textos teóricos, vídeos, depoimentos sobre o tema: racismo estrutural, estético, entre outros). Por fim, a professora fará uma síntese do que foi analisado e apresentar o porquê de os casos serem considerados racismo.

Após esse momento, o professor irá perguntar se a atividade serviu para ampliar o conhecimento sobre o assunto. Para finalizar, os alunos deverão criar campanhas publicitárias de combate e prevenção ao racismo. A forma será escolhida pelos alunos, pode ser memes, charges, produção audiovisual, entre outros. Essa campanha pode ser divulgada nos status de cada aluno e também por outras redes sociais, como o Instagram e Telegram. Essa atividade mostra

que o texto multimodal não é apenas a mera soma de diferentes elementos linguísticos, visuais e sonoros, pois envolve, também, a interação entre todos os participantes do evento comunicacional em que se dá. Ademais, a associação de palavras e pictogramas é baseada na leitura do texto e na geração de sentido, tendo em vista que o texto aceita uma nova composição.” (TRINDADE E SALES, 2021)

Espera-se que essa atividade contribua para um ensino mais inclusivo, baseado no respeito às diferenças.

No entanto, sabe-se que algumas dificuldades serão apresentadas aos professores, principalmente no que diz respeito ao acesso a essas mídias. Os dados são alarmantes, a saber: Conforme dados apresentados pelo Correio 24h:

- 28,7% da população baiana não tem acesso à internet, o correspondente a cerca de 3,705 milhões de moradores;

- 13 cidades baianas não têm acesso ao 4g, ou seja, as pessoas que moram nessas cidades “só conseguem mandar mensagens, usar as redes sociais e fazer ligações via WhatsApp dentro das casas que possuem WiFi”. O caso é ainda mais alarmante nas zonas rurais.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante dessa realidade, observa-se que a aplicação dos recursos tecnológicos nas aulas baianas não será fácil, principalmente nas escolas públicas uma vez que, da população baiana sem acesso à internet, a maioria encontra-se no ensino oferecido pelo Estado. Sobre isso afirma Coscarrelli e Ribeiro afirmam que

O acesso aos ambientes digitais e às suas práticas não é uniforme em todos os lugares, para todas as pessoas. Há diversos níveis de inserção de indivíduos e comunidades, já que tudo depende de um intricado complexo de políticas de infraestrutura, com altos investimentos, políticas de educação, informação e cultura, além do consumo de dispositivos de variados preços, conforme o poder aquisitivo das pessoas. A exclusão digital é um tema amplamente discutido por pesquisadores, especialmente em países como o Brasil, com desigualdade na distribuição de renda e no acesso à educação.

Dessa forma, os professores precisarão montar estratégias para burlar essa dolorosa realidade. Assim, vale ressaltar que a atividade proposta nesse artigo é apenas uma sugestão e o professor não deve desanimar frente aos desafios, mas adaptar a atividade a sua realidade de sala de aula de acordo com os recursos disponíveis.

**Referências**

BRASIL. **Lei n.** [**10.639,** de 9 de janeiro de 2003**.**](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2010.639-2003?OpenDocument) Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em 09.12.2022, às 10h.

\_[**Lei n. 11.645**, de 10 março de 2008.](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2011.645-2008?OpenDocument) Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em 09.12.2022, às 22h.

COSCARELLI, C. V. RIBEIRO, A. E. (orgs.). Letramento digital. In: Glossário Ceale: alfabetização, leitura e escrita para educadores. Disponível em <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-digital>. Acesso em 01.12.2022, às 20:24h.

Escolas baianas registram casos de preconceito, ataque armado, intimação por 'doutrinação' e beijos em sala de aula. **G1,** Bahia, 26 de nov. de 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/11/26/escolas-baianas-registram-casos-de-preconceito-ataque-armado-intimacao-por-doutrinacao-e-beijos-em-sala-de-aula.ghtml>. Acesso em 05.12.2022, às 15h

Família de aluna denuncia bullying e racismo em escola particular de Salvador. Correio, Bahia, 10 de dez. de 2022. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/familia-de-aluna-denuncia-bullying-e-racismo-em-escola-particular-de-salvador/>. Acesso em 05.12.2022, às 10h.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/hbD5jkw8vp7MxKvfvLHsW9D/?format=pdf>. Acesso em 02.12.2022, às 21:01

MUNANGA, Kabengele (Org.) Superando o Racismo na Escola. 2ª ed. revisada. Brasília: MEC/SECAD, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf>. Acesso em 02.12.2002, às 09:47.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: **PNAD**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em:

 <https://painel.ibge.gov.br/pnadc/>. Acesso em 09.12.2022, às7h.

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). Textos para discussão: Panorama socioeconômico da população negra da Bahia. Salvador, 2010. Disponível em: <https://www.sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/textos_discussao/texto_discussao_17.pdf>. Acesso em 08.12.2022, às 14h.

Trindade, Ronaldo Borges. Sales, Hellen M. Pompeu de. Textos multimodais no ensino (remoto) da leitura: concepções e práticas de professores. In: Fofano, C. S. et al. Letramentos múltiplos, multimodalidades e multiletramentos [livro eletrônico]: os usos da linguagem na era digital. Maranhão: Diálogos, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1N888ESIMDJU7voKVcSS32Yx0d08byXpI/view>. Acesso em: 04.12.2022, às 11h.

Xavier, João Paulo. Racismo estético. In: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris. (orgs.). Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras. 1. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2022. Acesso em 06.12.2022, às22h